

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

LABORATÓRIO COMO UM ÁLIBI NO APRENDIZADO DE LÍNGUAS

FURLANETTO, Priscila Fernanda¹

1 INTRODUÇÃO

O maior desafio para um professor de línguas estrangeiras é fazer com que seus alunos entendam o processo de aprendizado que é preciso percorrer para que possam atingir o objetivo esperado que é, obviamente, a fluência da língua alvo.

Na maioria das vezes, a única experiência que nossos alunos trazem em suas bagagens em relação ao aprendizado de línguas é àquela vivenciada na aquisição da língua materna. Pode-se dizer que, essa, por sua vez, é diferente, pois pode ser descrita como imperceptível, indolor e por horas, divertida.

Aprender uma língua estrangeira é embrenhar-se em um mundo totalmente desconhecido e, por esta razão, muitos alunos sentem-se perdidos, sem saber qual caminho seguir dentre tantos que lhes são apresentados, afinal, estamos na era da tecnologia e isso implica um excesso de informação que, muitas vezes, acaba por não comunicar como deveria.

A promessa de metodologias inovadoras e de resultados rápidos atrai leigos que acabam sendo, de certa forma, enganados por empresas que se dizem escolas de línguas, mas que, na realidade, visam lucros por meio da venda de materiais didáticos e, obviamente, das mensalidades dos alunos. Acabam assim, com o sonho de muitas pessoas que é o de poder conhecer um mundo diferente por meio de uma porta que ainda se encontra fechada, a língua a que não se conhece.

¹ Graduada em Letras e Mestre em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Tudo isso nos leva a uma única questão: o que devemos fazer para verdadeiramente aprender uma língua estrangeira? A resposta é muito mais simples do que imaginamos. Não há segredos, não há fórmulas mágicas. A pessoa que se propõe a falar uma língua estrangeira deve, simplesmente, estar comprometida com ela e, o comprometimento a que me refiro, implica algumas técnicas básicas relacionadas ao aprendizado de línguas que tenho por objetivo expor ao longo deste artigo. Dentre essas técnicas, pretendo desenvolver mais profundamente a questão prática do laboratório de línguas que nos serve como um álibi na grande empreitada que é ensinar e, principalmente, fazer com que os alunos aprendam.

2 DESENVOLVIMENTO

Partimos do pressuposto que o leitor tenha conhecimento prévio sobre as diferentes abordagens aplicadas no ensino de línguas estrangeiras. Não é nosso objetivo aqui discorrer sobre elas e muito menos julgá-las, mas, há de se ter em mente àquelas ligadas a simplicidade das técnicas de ensino/aprendizagem que aqui serão expostas e, de certa forma, defendidas: as metodologias Audiolingual e Comunicativa.

Podemos dizer que a abordagem Comunicativa é considerada hoje, como a mais atual. Seu surgimento foi importante para preencher algumas lacunas deixadas pela abordagem Audiolingual.

Ela nos permite uma liberdade maior enquanto professores, pois está relacionada ao sociointeracionismo, algo bastante abrangente que se, inteligentemente utilizada pelo professor, tem a capacidade de transformar os alunos em não apenas falantes fluentes de uma língua estrangeira, mas também em seres humanos providos de senso crítico, visão ampla de mundo, boa desenvoltura em público, facilidade em trabalhar em equipe e também de se relacionar com pessoas de forma geral.

A abordagem Audiolingual, por sua vez, nos leva a um aprendizado rápido e prático e, a maneira com que é sistematizada é o que neste artigo defendemos. A história do seu surgimento é importante para compreendermos sua utilidade, afinal, durante a Segunda Guerra Mundial o exército americano precisou de falantes fluentes em várias línguas estrangeiras e não os encontrou. Assim, a solução foi produzir esses falantes da maneira mais rápida possível. Para isso, especialistas na área de ensino de línguas estrangeiras foram contratados, turmas com um número reduzido de alunos foram tidas como ideais e o tempo foi aproveitado ao máximo: nove

horas por dia por um período de seis a nove meses, ou seja, os alunos mantinham contado com a língua em tempo praticamente integral.

Devemos ter em mente algumas premissas criadas pela abordagem Audiolingual que nos servem até hoje e que devem ser pensadas tanto pelos professores quanto pelos alunos, afinal, como dito na introdução deste texto, para aprender uma língua estrangeira não há fórmulas mágicas, mas há sistemas que podem ser seguidos para, enfim, atingirmos nosso objetivo. É interessante que reflitamos sobre o que segue:

2.1 LÍNGUA É FALA, NÃO ESCRITA

Como você aprendeu sua língua materna? Certamente ninguém explicou a você enquanto estava no berço o que era um objeto direto ou qualquer outro termo gramatical. O que acontece é que, quando crianças, ouvimos e, na sequência, reproduzimos o ouvido e, conseqüentemente, aprendemos a falar.

Assim, partir do ensino da gramática, do sistema da língua escrita, para, posteriormente aprendermos a escutar e a falar já é algo que foge ao ciclo natural das coisas. O ser humano aprende por meio da repetição daquilo que escuta e, contra fatos, não há argumentos. Você é a maior prova dessa conclusão científica.

Por isso, podemos afirmar que o laboratório de línguas, pela possibilidade de apresentar gravações de falantes nativos, é um recurso imprescindível para os estudantes de uma língua estrangeira, afinal, possibilita aos alunos a prática da escuta e, conseqüentemente o aperfeiçoamento de sua pronúncia.

2.2 LÍNGUA É UM CONJUNTO DE HÁBITOS

Seres humanos estão perambulando pelo mundo. Isso implica em comunicação. A cada situação em que somos colocados devemos nos portar de uma determinada maneira e utilizar uma linguagem tida como ideal para aquele determinado contexto. Pensando nisso, a abordagem Audiolingual afirma que os alunos precisam passar por um processo mecânico de perguntas e respostas, frases prontas que os auxiliem na criação de um repertório que poderá ser usado no momento certo, estimulando assim, o pensar automaticamente na língua alvo, sem maiores excitações no momento da fala.

Dessa forma, as estruturas básicas da língua devem ser praticadas até a automatização, o que acontece por meio exercícios de repetição a que chamamos de drills, o que nada mais é, do que frases prontas que apresentam modificações que devem ser pensadas e feitas com agilidade pelos alunos.

Há diferentes tipos de drills e eles são poderosas ferramentas ou exercícios, para serem utilizados no laboratório de línguas. A sua prática transforma a agilidade de fala do aluno, sistematiza em sua mente as estruturas frasais da língua mesmo que elas não sejam expostas pelo professor e ele condiciona sua mente a pensar na língua estudada, podendo reagir facilmente a uma pergunta ou a uma situação específica.

Veja alguns exemplos de drills e o objetivo de cada um deles para com o aprendizado de uma língua estrangeira. Aqui, utilizaremos a língua inglesa como tópico de estudo:

2.2.1 Drills de tradução oral para memorização de vocabulário e prática da estrutura gramatical aprendida em uma aula específica:

- 1.Oi. Meu nome é James/ Alice/Carmen/ Olá
- 2.Oi. Eu sou Priscila/ John/ Doug/ Jenny/ Bom dia/ Boa tarde/Boa noite (chegada)/Boa noite (saída)
- 3.Prazer em conhecê-lo/ O prazer é meu.
- 4.Me desculpe. Qual o seu primeiro nome novamente?/ Com licença/ sobrenome. 5.É Furlanetto/ Miler/ Magnani/ Leiper.

2.2.2 Drills para a prática oral de estrutura e de direcionamento do pensamento na língua alvo:

Listen and Repeat:

- 1.What are you going to do with your time off?/ broken car/ dirty house/ homework
- 2.I don't know. I haven't decided it yet./ gone/ done/ eaten
- 3.I might go camping somewhere/ swimming/ hiking/ eating/ negative/ interrogative/ he/ she
- 4.You'd better pack your first aid kit and be careful/ go to the doctor/ drive safe/ eat less sugar
- 5.It could be dangerous/ nice/ cold/ hot/ negative/ interrogative

2.2.3 Drills para a prática oral de estruturas gramaticais:

Put the sentences into negative

1. I'm going to do my homework.
2. He is going to cook dinner tonight.
3. They are going to travel tomorrow.
4. She will write a book next year.

Put the sentences into affirmative

1. The plane ticket is not going to be so expensive now.
2. I won't stay home tonight.
3. You shouldn't go to the beach this time of the year.
4. It won't be too crowded.

Put the sentences into interrogative

1. I will decide it tomorrow.
2. She will be a doctor next year.
3. He will travel with his dad next month.
4. You will be a happy girl.

2.2.4 Drills para prática oral de perguntas e respostas:

Repeat the question and answer it according to the text:

(Teacher point one student to answer after everybody repeats the question)

1. Describe the tradition about pulling the birthday person ears.
2. What's the meaning of cooking noodles to commemorate birthdays?
3. What does the color red represent in Japan?
4. What do you do in France when you have a birthday?

2.3 ENSINE A LÍNGUA, NÃO SOBRE A LÍNGUA

Não estamos, de maneira alguma, menosprezando a gramática normativa das línguas e, muito menos afirmando que os alunos não precisam aprender regras gramaticais. Sim, tudo isso é importante, mas, para que o aluno chegue ao ponto de organizar em sua mente regras gramaticais e ainda, ser capaz de entendê-las, ele precisa, primeiramente falá-la. Um bom exemplo disso é quando começamos a aprender a ler e a escrever nossa língua materna. Levamos, em média, de cinco a seis anos para falá-la razoavelmente bem e, só então, vamos à escola e organizamos sistematicamente tudo àquilo que já sabemos por meio das regras que nos são expostas.

Devemos fazer o mesmo com nossos alunos. Primeiramente, exponha-os aos fatos da língua, afinal, sabemos que o que os falantes nativos dizem, não é, exatamente, o que acreditamos que deveriam dizer. E não é assim também em nossa língua materna? Quantas vezes você disse que iria "no" cinema ao invés de dizer "ao" cinema? Em que o não uso da preposição correta de acordo com a norma padrão da língua portuguesa atrapalhou a sua comunicação?

O exposto acima, também acontece em outras línguas, portanto, devemos encorajar os alunos a falar sem temer erros, embora essa, seja uma opinião que não vai ao encontro do que diz a metodologia Audiolingual que, de certa forma, abomina os erros e reforça sempre o correto.

Fazendo uma ligação do laboratório de línguas com a questão do erro, podemos dizer que é através dessa ferramenta que os alunos têm a liberdade de errar, pois, serão corrigidos de forma a pontuarmos o que foi bom e, obviamente, o que deverá ser melhorado para que ele, por sua vez, obtenha sucesso no aprendizado da língua alvo. É no laboratório que ele poderá errar, pois ele está se preparando para utilizar aquela língua em um mundo real, assim, deve aproveitar a chance para praticar ao máximo em um mundo considerado paralelo, o laboratório.

Os três tópicos abordados acima relacionados a abordagem Audiolingual, são maneiras mais simples de pensar o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira. Porém, com o tempo, essa abordagem passou a ter alguns aspectos questionados. Passou-se a entender a língua como forma de manifestação do ser humano que pode transformar sua língua, gerar novas frases, criar novas expressões, hábitos e, enfim, entendeu-se que a linguagem não pode ser entendida como algo estagnado, afinal, ela está em constante processo de evolução e mudança.

A partir desse momento, surgiu a abordagem Comunicativa que veio para concretizar o Audiolinguismo por meio de um olhar mais abrangente em relação ao ensino e aprendizado de línguas. Aqui, os cursos de Línguas Estrangeiras acompanham as evoluções diárias e abrem

espaço para novas visões de mundo, transformam a sala de aula em um local propício ao crescimento intelectual, social e cultural dos alunos.

O professor não deve se limitar apenas a conteúdos de livros didáticos e apostilas, mas sim ter como objetivo inserir a realidade em sala de aula, formar alunos críticos e capazes de construir seus conhecimentos, dar vozes aos mesmos e fazer com que o aprendizado de línguas seja visto como algo importante.

Por meio de práticas sociais, o ser humano experimenta uma série de vivências, elaborando seus próprios conceitos, seus valores e suas ideias acerca do mundo em que vive o que equivale a dizer que o conhecimento é socialmente construído e isso ocorre por meio da linguagem.

Essa teoria entende o homem como um sujeito social e histórico. A linguagem é um constante processo de interação mediado pelo diálogo. Desta forma, o estudo de línguas estrangeiras implica em focar enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam. Para isso, novamente temos o laboratório de línguas como um alibi que nos auxilia a intensificar a prática dos alunos, explorando as habilidades de aquisição da língua que são: leitura, escrita, escuta e fala. A proposta é colocar os alunos em situações reais, motivando-os a utilizar a língua-alvo para comunicar.

Através da leitura e interpretação de textos, músicas, filmes, internet, temas polêmicos, jogos, notícias, discursos, entre tantas outras atividades possíveis, os laboratórios nos possibilitam a continuidade do conhecimento do aluno, além de um amadurecimento em relação a seu estudo.

2.4 FEEDBACK, ELE É ESSENCIAL

Para que nossos alunos obtenham um resultado satisfatório e que o laboratório os ajude realmente na aquisição de uma língua estrangeira, o professor precisa avalia-los. Não há outra saída. O feedback é necessário. Dessa forma, o professor deve pontuar:

- a. O que aluno fez bem.
- b. O que ele precisa melhorar.
- c. E, finalmente, traçar técnicas e estratégias para que o aluno melhore o apontado pelo professor.

Trata-se de uma tarefa trabalhosa para o professor, afinal, trabalhamos individualmente cada aluno, observando seus pontos positivos e negativos, como um treinador que observa seus jogadores e então, traça metas para cada um deles, afinal, tem por objetivo ganhar o jogo e ser campeão. Há de se ter muita determinação, paciência e comprometimento do profissional que se propõe a tal tarefa. Mas, ao final, o resultado é muito positivo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos este artigo, é importante enfatizarmos que aprender uma língua estrangeira não é algo fácil e muito menos simples; pelo contrário, requer muito trabalho, dedicação e paciência tanto dos alunos quanto dos professores, afinal, trata-se de um processo que é construído aos poucos e, se direcionado corretamente, a evolução é garantida. Embrenhar-se numa língua é uma viagem sem fim, pois somos todos, eternos aprendizes. Assim, descrevemos aqui uma das muitas ferramentas que são álibis no aprendizado de línguas, o laboratório que, por sua vez, nos possibilita aprender o mundo sem sair do lugar.

REFERÊNCIAS

FREEMAN, Dione Larsen. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Oxford University Press. N. York, 1986.

GALEFFI, Dante Augusto. **O Ser-sendo da Filosofia**. Salvador: Edufba, 2001.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **An introduction to second language acquisition research**. London: Longman, 1991.

LEFFA, Vilson J. ; PAIVA, Maria da Graça G. **O processo de aprendizagem de uma língua**. The foreign language learning process. Porto Alegre/Brasília: Ed. UFRGS/The British Council, 1993.

LITTLEWOOD, William T. **Foreign and Second Language Learning: Language-acquisition research and its implications for the classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FURLANETTO, Priscila F. **Site da Professora Priscila**. Disponível: www.professorapiscilafurlanetto.com

RICHARDS, Jack C. ; RODGERS, Theodore S. **Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

